

Apresentação

As práticas editoriais e as relações entre a cibercultura e as novas configurações das bibliotecas são os dois eixos temáticos que organizam os artigos reunidos neste número da revista *Em Questão*, periódico da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um percurso etimológico pela palavra *editor* e pela evolução deste ofício, desde Gutenberg, abre a edição. Percorre-se ali, em perspectiva histórica, a figura plena do editor no conceito amplo de autoria. Mediador entre autor e leitor, este lugar de decisão e de comando consiste, sobretudo, em um espaço criativo. Além de parteiro, dá forma e circulação a cada obra que faz nascer, ações que, por si só, fazem dele também um autor.

A trajetória da Abril Cultural, responsável pela lançamento de mais de 200 fascículos, livros e discos entre 1968 e 1982, é focalizada no artigo seguinte. A disseminação de enciclopédias e obras clássicas em bancas de jornais, por meio de coleções em fascículos, concretizava a apropriação bem-sucedida de um projeto Iluminista pela expansão da indústria editorial brasileira. Vivia-se o paradoxo: em plena repressão do regime militar, o Brasil triplicava sua produção de livros. Neste cenário, vislumbra-se também a ação de editoras com perfil marcadamente político e ideológico de oposição ao governo militar. Um dos livros emblemáticos do período, *Poemas do povo da noite* de Pedro Terra, pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva, foi escrito nas prisões pelas quais seu autor passou entre 1972 e 1977. O tortuoso caminho da edição, menção honrosa no Prêmio Casa de las Américas, é percorrido aqui como um exemplo do chamado *livro de oposição*. Da circulação quase clandestina à publicação na Espanha e, finalmente, pela Editorial Livramento de São Paulo em 1979, seu lançamento marcou a campanha pela Anistia.

Mercadoria responsável por um expressivo faturamento da indústria editorial, o livro didático é visto, neste número, como um campo privilegiado para esmiuçar a relação entre escola e mercado. A reflexão centra-se na história e nas estratégias comerciais das principais editoras que fornecem livros ao Estado, desde a implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) entre 1985 e 2005. Propõe-se, em seguida, uma abordagem sobre o projeto gráfico e editorial dos periódicos científicos, principal canal de comunicação formal entre os cientistas. A partir da análise de três elementos-chave do *design* do impresso – diagrama, tipografia e uso da imagem -, acredita-se na qualificação visual dos suportes para assegurar uma maior eficiência na divulgação da ciência.

Uma pertinente reflexão sobre a ética do profissional bibliotecário, vista a partir das novas tecnologias de informação e da disseminação da cultura digital, abre o segmento dedicado às bibliotecas. A conduta do gestor da informação é analisada no contexto contemporâneo regido pelos imperativos da velocidade e flexibilidade do saberes. O texto seguinte retoma a cultura da virtualidade que, ao gerar novas possibilidades cognitivas, exige ações que redimensionem o papel das bibliotecas. Mais do que um repositório de informações, precisa se transformar em um ambiente pedagógico de mediação e dinamização das formas de aprender. Os recursos tecnológicos oferecem também alternativas à preservação de originais. Trata-se da biblioteca digital de obras raras que amplia a visibilidade e transforma em documento eletrônico obras, até então, praticamente inacessíveis, resguardadas da ação do tempo e do manuseio dos usuários.

Finalizando, defende-se o uso de base de dados nas rotinas do jornalismo, seu potencial de precisão e contextualização da notícia. Em uma década de jornalismo digital, este recurso ainda é pouco explorado como possibilidade de novas narrativas multimídias. Uma pesquisa realizada em Santa Catarina enfoca os bastidores do jornalismo científico: verifica o processo e a busca de

informação especializada por jornalistas, seus impasses, formação acadêmica prévia e estratégias na divulgação da ciência para um público leigo. Encerra o volume 11 da revista *Em Questão* uma discussão sobre o jornalismo aprisionado pela rapidez e instantaneidade, as mudanças no processo de apuração e veiculação das notícias, assim como a substituição da reportagem de rua pelo material produzido dentro das redações.

Boa leitura,

Cida Golin

Coordenação Comissão Editorial